

# Fim do verão pode abalar recuperação da economia

CECILIA PLESE  
Correspondente

**São Paulo** — O otimismo moderado com que vem sendo observado o processo de recuperação da economia por dirigentes de diversas entidades de classe de todo o País, em relação ao primeiro trimestre deste ano, não está sendo compartilhado por alguns setores da indústria e do comércio que têm uma característica em comum: a sazonalidade.

Esses setores, como é o caso da indústria, bebidas, têxteis, sofrem tradicionalmente os efeitos do tempo, apresentando um comportamento peculiar, especialmente nos meses de verão, que os distingue dos demais segmentos produtivos.

Isso os impede de medir com exatidão se os aumentos de demanda e de produção registrados nos primeiros meses do ano (e muitos incluem o mês de dezembro em suas análises, por ser um período de festas e de férias escolares, decorrem de eventuais booms de verão ou são resultado de um verdadeiro reaquecimento da economia, com reflexos permanentes. Muitos empresários depositam grandes esperanças na segunda hipótese. Outros manifestam desalento. Todos, porém, queixam-se dos altos índices de inflação, aumento dos custos da matéria-prima e mão-de-obra, baixo poder aquisitivo da população e elevação das taxas de juros com conseqüente descapitalização das empresas. Mais do que tudo, eles temem a incerteza do futuro que os impede de planejar convenientemente os próximos passos a tomar.

Para o vice-presidente do Sindicato da Indústria de Bebidas em Geral do Estado de São Paulo, José Carlos de Abreu, o verão de 84 foi muito mais estável do que o do ano anterior, chuvoso e frio. Isso redundou num aumento da produção de cervejas e refrigerantes, sem reflexos, porém, nos níveis de emprego. Esses índices, permanecendo estáveis, garante, negando que o setor tenha enfrentado alguma ociosidade em 83. Ele que a partir de março do ano passado, quando teve início o inverno, houve uma queda nas vendas de refrigerantes e cervejas da ordem de 10 a 15 por cento, que poderá se repetir este ano. O setor também congrega as chamadas bebidas cuja procura é maior no período de inverno. Mas dada a grande distinção dos produtos fica impossível estabelecer uma relação de equilíbrio entre eles, em termos de faturamento.

Essas informações são confirmadas por duas das maiores fábricas de bebidas do País. Segundo o gerente do Departamento Comercial da Cia. de Cervejaria Brahma, Adhemar Silvestre Jr., o verão de 84 representou um acréscimo de 20 por cento em relação ao consumo de bebidas registrado no mesmo período de 83. Mas não houve reabsorção de mão-de-obra. As perspectivas daqui para a frente são de uma queda de 25 a 30 por cento em comparação com o primeiro trimestre. Quanto às possibilidades de recuperação, só poderão ser aferidas quando passar a influência que o verão exerce sobre o setor. Autorizada a praticar repasses de preço em regime de liberdade vigiada, a Brahma está preocupada com a elevação dos custos das matérias-primas, 10 por cento superiores em relação aos reajustes. Somente o arroz, um dos insumos básicos mais fundamentais para essa indústria, teve um aumento de 256 por cento em 83, o que não é nada animador.

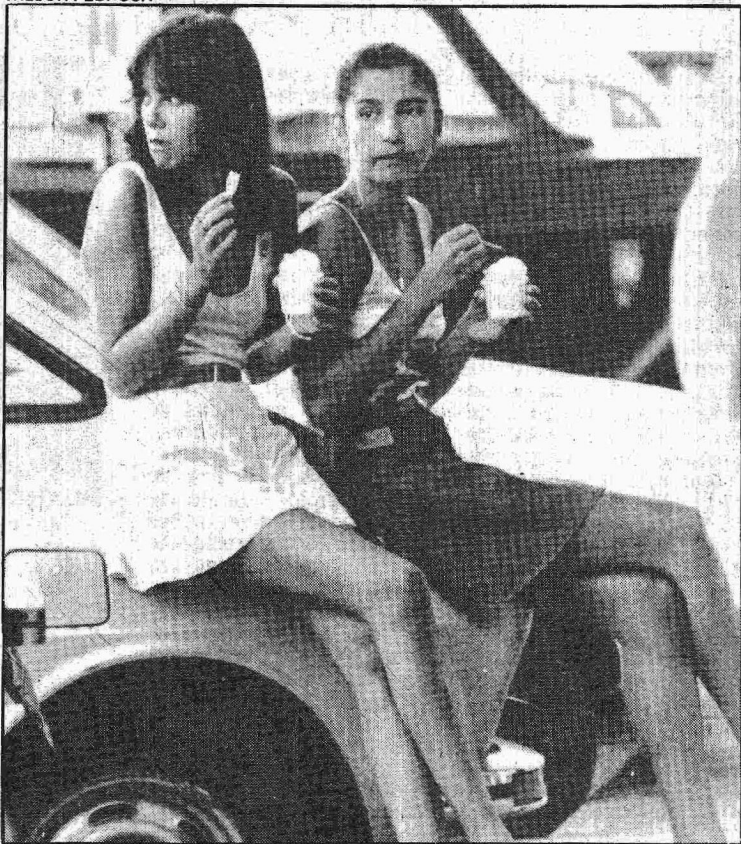
De um modo geral percebe-se que a esperança do setor reside nos efeitos que se farão sentir sobre o mercado, do lançamento de novas linhas de produtos como a Malt-90 da Brahma e a embalagem de 300 mililitros e a cerveja em lata que a Antártica pretende colocar em operação em todo o território nacional, ainda no primeiro semestre.

## TERMÔMETRO

Bem diferentes são às expectativas do setor plástico. O presidente da Associação Brasileira de Embalagens Plásticas Flexíveis, costuma dizer que a sua área é um perfeito termômetro da economia nacional. Tanto que ele conseguiu vislumbrar os primeiros sinais de recuperação econômica um mês antes da publicação das primeiras notícias nesse sentido. O setor de embalagens plásticas flexíveis não é de ponta, exceto no que se refere a sacos de lixo e utilidades domésticas. Ele fornece para indústrias que vão fabricar produtos plásticos ou embalar mercadorias de diversos tipos com eles, portanto sofre os reflexos de uma demanda maior por esses produtos de forma indireta.

Em termos de faturamento setorial por tonelagem, houve um sensível acréscimo nos meses de janeiro e fevereiro em comparação com os anos anteriores, o que em sua opinião é um excelente indicador dos novos rumos da eco-

WILSON PEDROSA



Sorvetes, refrigerantes, tecidos leves: o que se vai do verão

nomia. Ele não sabe a que atribuir esse desempenho. Mostra apenas números. Em janeiro, houve um aumento de demanda de 5,9 pontos superior a média registrada nos últimos seis meses, quando já era elevada. De janeiro para fevereiro, nova elevação de meio ponto, o que em termos acumulados representou um aumento de demanda da ordem de 6,3 por cento em comparação com o segundo semestre de 83.

## VALOR NUTRITIVO

Outro empresário que está satisfeito com o comportamento de seu setor é o presidente do Sindicato da Indústria Alimentar de Congelados, Supercongelados, Sorvetes, Concentrados e Liofilizados do Estado de SP. — Naum Rotemberg. Sua avaliação concentra-se muito mais na área de sorvetes, porque a parte de congelados e supercongelados tem um desempenho relativamente estável durante todo o ano, uma vez que esse tipo de alimento não sofre os efeitos da sazonalidade.

A situação, conforme suas declarações, “é cautelosamente encorajadora” apesar dos atuais níveis de inflação. A performance das indústrias de sorvetes e gelados neste verão foi excelente garante, com aumentos de produção e melhores oportunidades de emprego. Mas ele tem uma queixa a fazer: a de que no Brasil, o sorvete é tratado como refresco, quando deveria ter um consumo equilibrado durante o ano todo, por suas características de alimento com alto valor nutritivo. “Nos EUA e na Europa, a população já está conscientizada disso” argumenta e “consome sorvete inclusive durante o inverno, muito mais rigoroso do que o daqui. Os brasileiros entretanto consomem mais durante o verão e mesmo assim a demanda per capita é pouco significativa”, complementa.

## UMA CERTA FOLGA

O termo recuperação não existe no vocabulário das empresas de turismo. Da mesma forma, nunca se ouviu falar em crise nesse setor, diz o presidente da Associação Brasileira das Agências de Viagem, Modesto Mastrososa e isso acontece porque a indústria do turismo é eclética. Se o agente não pode oferecer um pacote por cem mil cruzeiros, descobre outro por 50 mil e atende de um ou de outro modo às necessidades das pessoas ávidas de lazer. “Somos uma indústria que não aparece nos moldes tradicionais nem pode ser analisada da mesma maneira”, sublinha ele. “Apesar de sermos os responsáveis pelo grande volume de circulação de dinheiro nos diversos setores industriais”. Um aspecto que ele ressalta é o de que os preços dos pacotes turísticos disponíveis acompanham os índices de inflação inexoravelmente — “infelizmente temos que aprender a viver com ela” — afirma, não obstante estar convicto de que em 84 o turismo interno deve progredir muito. Grande número de turistas estrangeiros é aguçado em função do dólar. “Para eles o Brasil é barato” diz ainda o empresário confiante de que a situação começa a melhorar. Entre dezembro de 83 e março de 84, o desempenho do setor “se não foi muito bom, manteve pelo menos um nível razoavelmente compatível para que as empresas pudessem desenvolver suas atividades com uma certa folga”, acrescenta.

O setor de confecções é um dos mais complexos em termos de avaliação de desempenho, por ser extremamente pulverizado. O presidente do Sindicato da Indústria e Camisas para Homens e

Roupas Brancas de SP, Nelson Abbud João, informa que no primeiro trimestre de 84, seu setor teve um aumento de faturamento, produção e nível de emprego da ordem de 10 por cento em valores reais, comparativamente ao mesmo período do ano passado. Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, somente a sua empresa — a Abbud Confeccões — teve um faturamento de um bilhão de cruzeiros, contra 400 milhões registrados em igual período de 83. Esse comportamento, se multiplicado por 500, refletiria o desempenho do setor e ele afirma, apesar de entender que esse verão não foi atípico: “Tanto a indústria quanto o comércio disse, procuraram desovar estoques, que de especuladores passaram a reais. O pessoal agiu com mais seriedade, e serenidade, ainda que os índices de liquidez estejam muito aquém de beneficiar a capitalização das indústrias”.

Já o vice-presidente do Sindicato da Indústria de Alfaiataria e Confeccão de Roupas de Homem de São Paulo, Alcides Romano, acha que o setor está parado no tocante às vendas, mas espera que com a entrada do inverno, “a coisa caminhe do jeito que a gente gostaria”. Quanto aos níveis de emprego, aguarda uma redução em torno de 10 por cento. Outro aspecto que ele menciona é o de que muitas das empresas familiares nascidas durante o boom de verão deverão agora desaparecer, estabilizando o setor e acabando com o que ele classificou de “concorrência desleal das micro”.

A heterogeneidade do setor é um dos primeiros pontos que o presidente do Sindicato da Indústria de Malharias e Meias no Estado de São Paulo destaca. Como deve ser óbvio, o verão é sempre ingrato para a indústria de malharia, mas Elias Miguel Haddad acredita que, em 84, o inverno será rigoroso. Ele critica as altas de preços do algodão que em 83 chegaram a 700 por cento, esperando que a autorização para a importação dessa matéria-prima e a proibição de sua exportação ponham fim a especulação desses preços. No primeiro trimestre deste ano o setor enfrentou uma redução de 4 a 5 por cento do nível de emprego e de 20 por cento do volume de vendas em relação ao mesmo período de 83.

Totalmente diferente é o retrato pintado pelo presidente da Associação Brasileira de Jeans. Segundo Francisco José de Toledo, este verão para o setor de “sports wear”, transcorreu de acordo com o esperado pela maioria dos empresários. O Natal teve uma influência muito grande nisso mas essa breve recuperação ficou aquém das expectativas. No último trimestre de 83, aguardava-se que os jeans-griffe estariam custando nos primeiros meses de 84, entre 50 e 70 mil cruzeiros. Isso ocorreu somente em parte porque o volume de oferta de saldos é bastante grande. Há artigos sendo anunciados por sete mil cruzeiros quando este é o custo da matéria-prima de apenas uma calça em tecido indigo blue.

Também para a Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica, as perspectivas de produção, faturamento e nível de emprego são uma incógnita a partir deste mês. De qualquer forma, o setor registrou durante os meses de verão, uma venda bastante grande de climatizadores (condicionadores de ar, ventiladores e refrigeradores). As fábricas chegaram a trabalhar no limite de sua capacidade mas não foi possível avaliar por enquanto se essa tendência deverá perdurar.